

METÁFORAS DA DISCRIMINAÇÃO NO FUTEBOL BRASILEIRO¹

Dr. CARLOS ALBERTO FIGUEIREDO DA SILVA

Centro Universitário Augusto Motta
Universidade Salgado de Oliveira

Dr. SEBASTIÃO JOSUÉ VOTRE

Centro Universitário Augusto Motta
Universidade Gama Filho

RESUMO

Este artigo analisa algumas metáforas veiculadas pela mídia escrita após derrotas do time brasileiro nos campeonatos mundiais de futebol. O objetivo é identificar e compreender o sentido construído para essas metáforas e como o imaginário se manifesta através delas. Foram realizadas análises qualitativas do discurso de algumas manchetes esportivas publicadas na mídia. A conclusão provisória é que existe no Brasil um tipo de racismo, constituído através de metáforas, que desclassificam - como indivíduo - o jogador de pele escura.

PALAVRAS-CHAVES: Imaginário. Metáforas. Esporte.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o racismo na sociedade brasileira vêm obtendo um espaço cada vez maior na comunidade acadêmica daqui e do exterior. Embora tais estudos reflitam uma preocupação emergente, não consideramos a questão racial um problema novo em nosso país e que, como uma onda gigantesca, de repente, houvesse avançado sobre o calçadão das praias universitárias. É, no nosso modo de ver, um fato rotineiro na vida do brasileiro. Tão rotineiro que, às vezes, poder-se-ia até

¹ Este trabalho foi apresentado originalmente no ano de 2000, na cidade de Lisboa, no 8º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, realizado na Universidade Técnica de Lisboa, e também no VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, na cidade de Gramado, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Posteriormente, foi incluído no rol dos artigos sobre racismo no site da campanha *Diálogos contra o Racismo* e no site da *MultiEducação* da Prefeitura do Rio de Janeiro.

duvidar de que tal problema pudesse existir, pois os indivíduos nas suas atividades e afazeres cotidianos estariam por demais preocupados com a sobrevivência e com os problemas práticos a serem resolvidos, que não perceberiam as discriminações a que são submetidos.

A integração racial brasileira parece ser um dos mitos que fundam as identificações do ser-brasileiro. O fato de termos convivido com a ideologia de uma democracia racial não significa falta de consciência em relação à discriminação contumaz disseminada em nossa sociedade.

Um grande problema que se apresenta, entretanto, para o pesquisador interessado nessa questão, é o da interpretação. Construída pelos agentes sociais e pelos pesquisadores, a interpretação é também um tema emergente nas discussões acadêmicas, mas não menos antigo que o da questão racial.

Interpretar foi o liame que nos conduziu à temática desenvolvida neste trabalho. Inicialmente, sentimo-nos inseguros e desanimados por receber críticas à interpretação que empreendíamos em relação às notícias veiculadas pela mídia escrita. Nosso foco era e é o processo de reprodução e transformação do racismo no futebol brasileiro. E o fato que tomamos como ponto de partida para as nossas inferências foi a derrota da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1998.

Por uma necessidade de personificar o fracasso na competição, uma parcela da mídia e da população atribuiu ao jogador Ronaldo a culpa pela derrota. Como em outros episódios semelhantes, sobretudo nas derrotas de 1950, 1982, 1986 e 1990, a mídia escrita apresentou uma série de interpretações sobre as atuações dos jogadores, da comissão técnica, dos dirigentes da CBF, entre outros. No entanto, o que parece ter ficado retido no imaginário social foi a culpa atribuída aos jogadores. Em 1950, o goleiro Barbosa arcou com este fado; em 1982 e 1986, foi a vez de Zico; em 90, Dunga.

As primeiras idéias sobre esta temática foram apresentadas no VI Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte & Lazer realizado em 1998. O artigo "A linguagem racista no futebol brasileiro" foi selecionado e pudemos apresentá-lo numa das sessões do congresso. Apesar de recebermos apoio de alguns dos colegas presentes à exposição, críticas pesadas desconstruíram, em grande parte, os argumentos e a maneira como os utilizamos para sustentar nossas hipóteses. A crítica

mais contundente era a de que não possuíamos dados empíricos que ratificassem as interpretações.

Dados empíricos; sempre os dados empíricos. Seria muita pretensão realizar uma super interpretação e ficar impune. Vimo-nos, então, seduzidos, novamente, pelo empirismo lógico, pela preocupação com métodos “científicos”, pela verificabilidade de conceitos e pela priorização das teorias construídas sob o método hipotético-dedutivo. Esta obsessão diminuiu um pouco com as leituras que fizemos de Richard Rorty (1996), Gilbert Durand (1989), Nilda Teves (1992), Sebastião Votre (1994, 1995), entre outros.

Rorty, por exemplo, não está à procura das coisas como elas realmente são ou foram, mas como argumentações contínuas criam o novo, em que diversos vocabulários se mostram e se constroem. Os conceitos, para ele, são mais ferramentas do que peças de um quebra-cabeças ou enigmas que, ao serem desvendados, nos mostrariam como o mundo realmente é. Teves (1992); Votre (1994, 1995) vão valorizar o imaginário na construção das representações sociais.

Assim, estabelecemos um exercício de análise contínuo no sentido de compreendermos que as notícias veiculadas pela mídia escrita não possuíam em si mesmas uma verdade. Igualmente, não procuramos descobrir a intenção do autor ao escrever tais críticas. Não haveria, por conseguinte, a boa interpretação. A interpretação que empreenderíamos seria uma das possíveis e não a única, ela se sustentaria nas evidências oferecidas. Assumimos que a interpretação não poderia nunca acabar, pois não existiria nada primário a interpretar, pois tudo já é interpretação; que, o intérprete é sujeito e também objeto de sua interpretação; que, a interpretação é perversa/malévola, interesseira, conjuntural. Ela representa uma ruptura, uma invenção contra o estabelecido.

Desta forma, poderíamos utilizar as técnicas de interpretação que mais se adequassem aos objetivos propostos neste trabalho. Em junho de 2000, participamos do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. O trabalho intitulado “Futebol, linguagem e mídia: o imaginário na construção histórica das representações” apresentava um afastamento das influências recebidas dos teóricos da estrutura presentes no trabalho do congresso anterior. Em 2000, o texto já fluiu com influências das leituras que fizemos dos teóricos da ação e de autores que

estudam o imaginário. Desta forma, apresentava características que o levam a ser encarado como um trabalho que plurimetodológico.

Entretanto, algo continuava a nos incomodar. Algum tempo se passou até que percebêssemos que não queríamos abdicar das contribuições dos teóricos da estrutura ligados à Teoria das Representações Sociais, com os quais iniciamos nossas primeiras manifestações. Principalmente, no que se refere aos mecanismos de resistência empreendidos pelos grupos dominantes quando percebem que uma modificação do núcleo rígido da representação está a se processar.

Por outro lado, não poderíamos trair os pressupostos da etnometodologia, os quais nos libertaram das teias da estrutura e do seu determinismo, e nos conduziram à compreensão sobre a ação dos agentes sociais na reprodução e transformação da realidade.

Não obstante, o adágio de Marx (1963, p. 13): “Os homens fazem sua história, mas não em circunstâncias de sua própria escolha”, continuava a martelar em nossas cabeças e a indicar que não poderíamos privilegiar a estrutura em detrimento da ação ou vice-versa.

Na mesma esteira, as idéias de Cohen (1999) levaram-nos a perceber que os agentes sociais não são completamente autônomos. Negamos, portanto, um determinismo radical, mas também nos opomos à liberdade desqualificada, optamos por preservar todas as possibilidades entre essas polaridades.

O pressuposto deste trabalho é que não há relação direta entre o homem e o mundo, seja ele natural ou social. A cultura é que realiza essa mediação. Portanto, não existe uniformidade transhistórica na práxis social. As práticas sociais, que estão ancoradas tanto em razões práticas com em razões simbólicas, são, dessa forma, histórica e culturalmente instauradas. Essa perspectiva expõe a capacidade potencial do agente em produzir variações históricas. Como é uma capacidade potencial, ela pode ou não ser exercida.

Em nossa aproximação com a etnometodologia, houve uma tendência a nos interessarmos mais pela mudança do que pela estrutura. Esta postura, entretanto, não nos permitiria compreender como as propriedades estruturais resistentes são geradas e mantidas. Por esta razão preservamos as leituras realizadas da Teoria das Representações Sociais.

O PONTO DE PARTIDA

O futebol tomado não como objeto, mas como ponto de partida para a construção de representações sociais e como um dos elementos formadores da identidade brasileira, mostrou-se, principalmente, no final do século XX, fonte de pesquisas das mais singulares. A contingência do esporte favorece uma série de visões de mundo, sejam elas na dimensão da ética, da estética, do poder, do fascínio, entre outras; todas perpassadas pela linguagem. Moscovici (1995, p. 179) atenta para o fato de que “o esporte, como acontecimento cultural tanto do ponto de vista antropológico como ético ou axiológico, se afirma primeiramente pelas visões de mundo que vincula”. Tais visões de mundo acabam por construir o mundo social, pois a linguagem é causativa e não apenas expressa ou representa a realidade.

O futebol é de fato uma linguagem. O jogo se desenvolve à medida que os jogadores procuram resolver os problemas que surgem no contexto da atividade. Esta atividade é idiossincrática, contingente e partilhada. Independentemente do caráter agonístico do esporte, da competição, do dinheiro envolvido, das grandes empresas patrocinadoras, existe no futebol uma “regra” que une os jogadores e os torcedores ao jogo que ultrapassa os interesses, utilidades, gostos e prazeres; daí a emoção e a paixão que ele desperta.

O pensamento tem base corporal no sentido de que as estruturas utilizadas para articular nossos sistemas conceptuais desenvolvem-se a partir do nosso corpo. O discurso é fundado na cognição humana, e a cognição é fundada na corporeidade. Não apenas a linguagem, mas toda a cognição humana opera metaforicamente. Neste trabalho, focalizaremos algumas das metáforas veiculadas pela mídia escrita e o processo de reprodução e construção de discriminações no futebol.

A questão da identidade cultural/nacional apresenta-se, ao longo da história intelectual brasileira, como uma das principais preocupações nacionais. No entanto, quando buscamos estudos que analisem a participação da mídia na construção e reprodução de formas discriminatórias no futebol, percebemos que existe uma lacuna. Nesse particular, Muniz Sodré (1999, p.134-135) afirma que no Brasil:

Como não se toca mais publicamente na “questão nacional” (levantada em 1822, 1888 e 1930), a temática identitária foi abandonada pelas elites dirigentes e retomada por “comunidades setoriais” (negros, índios, mulheres,

homossexuais, etc.). Na imprensa, apenas eventualmente o problema da discriminação é afluído, mas sem compromisso de causa, daí as acusações de conivência na reprodução de formas discriminatórias.

O estudo de van Dijk (1998) conclui que instituições e grupos da elite branca dominante - e aí se inclui a maior parte dos meios de comunicação - são aliados próximos na reprodução da desigualdade étnica. Com efeito, a imprensa utiliza-se de uma linguagem metafórica que reproduz as discriminações com um discurso que começa pela denegação de tais discriminações.

Paul Dimeo e Gerry Finn (1998) atentam para o fato de que as análises sobre o racismo no futebol são muito mais complexas do que prévias tentativas de explicação. Aduzem que o racismo no futebol requer análises mais aprofundadas. Insistem em que a realidade mais comum é usualmente ignorada e formas sutis de racismo, que existem no senso-comum, têm sido obscurecidas.

Portanto interessam-nos as metáforas veiculadas pela mídia escrita, com foco no processo de construção dos significados produzidos e partilhados pela imprensa, no campo particular do futebol brasileiro em relação às questões de identidade, linguagem e discriminação.

O argumento principal do trabalho é que o imaginário social, normalmente implícito e involucrado nas convenções sociais e, sobretudo, nos controles exercidos pela escola e a igreja, de respeito às pessoas, independentemente de raça, cor, orientação de todo tipo, explode em manifestações explícitas, de caráter avaliativo, com elementos transparentes de julgamento e apreciação, nos momentos de eventos espetaculares. Em certas regiões esses eventos incluem furacões, enchentes, tremores de terra. Em outros, nevascas. Em outros, fomes terríveis. Em todos, aparentemente, o esporte é um veículo para eventos espetaculares, que galvanizam os interesses das comunidades humanas.

No Brasil, o futebol é, efetivamente, um dos grandes eventos espetaculares, aglutinador de emoções, partícipe da construção do espírito nacional. É nesses eventos que as avaliações são mais plausíveis, quer para os atos de heroísmo, quer para os insucessos, fracassos, falhas, no desempenho esperado. Ora, os grupos humanos, num contexto desse tipo, utilizam-se das imagens avaliativas disponíveis na cultura, e as reaplicam, inovativamente ou não, para caracterizar os heroísmos e os

fracassos. O dado interessante é que tais derivações são sensíveis às variáveis sociais em que cada ator se encontra; a exemplo de credo, raça, idade, sexo, nível sócio-econômico, origem espacial ou social da família, etc. Logo, toda denominação é carregada de significado avaliativo, portadora de índices de julgamento, discernimento, discriminação, preconceito ou tabu.

DEMOCRACIA RACIAL BRASILEIRA

A idéia de uma democracia racial no Brasil tem sido um dos mitos que o pesquisador interessado nesta questão tem de enfrentar, a despeito de existirem, no discurso do dia-a-dia do brasileiro, formas banais e sutis de racismo. É comum afirmar-se que existem determinadas áreas em que se torna muito difícil estudar e pesquisar o racismo; referimo-nos aqui ao esporte.

Outra dificuldade com que os pesquisadores se defrontam é em relação à terminologia. Os termos “raça” e “racismo” geram diversas interpretações e por vezes se transformam em obstáculos quase intransponíveis se não forem bem definidos.

O termo “raça”, por exemplo, era frequentemente omitido nos recenseamentos do início do século, e nos dias atuais apresenta muita dificuldade de interpretação por parte da população brasileira. De fato, o brasileiro não pode ser enquadrado nos padrões internacionais. Por esta razão, em um dos censos da década de 1980, apenas cerca de 4% da população se classificou como negra.

Mary Douglas (1976, p. 94) diz que uma dificuldade apresentada por alguns antropólogos anglosaxões é a “velha tradição de dar pouca importância à diferença entre nosso ponto de vista e o das culturas primitivas”. Mostra que tais diferenças são minimizadas por esses antropólogos, e focaliza a idéia com a palavra “primitivo”, que raramente é usada. “Sentimos que há alguma coisa descortês no termo ‘primitivo’ e assim evitamo-lo bem como o assunto todo”. Ou seja, ao evitar o termo “primitivo” ela suspeita que essa delicadeza profissional revele “convicções secretas de superioridade” (DOUGLAS, 1974, p. 95).

Ela também se refere à palavra “raça” que é substituída pelos antropólogos físicos pelo termo “grupo étnico”. Não obstante, esses antropólogos não se inibem em distinguir e classificar as formas de variação humana. Interessante notar que a comunidade negra do Brasil tenha-se identificado exatamente com uma revista cujo nome é “Raça”. Esta revista veio a modificar determinados conceitos em relação à

negritude, entre eles a presença de modelos negros na mídia. O sucesso da revista foi de tal forma contundente que outras publicações surgiram e vêm surgindo na mesma esteira. A valorização da beleza e da cultura negra são a tônica dessas revistas. O termo “raça” é então o escolhido para exatamente estabelecer que a revista fosse dirigida para uma comunidade específica.

A crítica que Douglas faz aos antropólogos sociais é que “evitando refletir sobre as grandes distinções entre as culturas humanas, impedem, seriamente, seus próprios trabalhos” (DOUGLAS, 1974, p. 95). O que de uma forma ou de outra, apesar da substituição do termo “raça” pelo termo “grupo étnico”, os antropólogos físicos se encarregavam de fazer, pelo menos no que se refere à classificação e à distinção das variações humanas. É impossível fazer progressos sem dar importância à diferença. Ao estabelecermos que não há diferença entre brancos, negros, mestiços, morenos etc. no Brasil, seja em relação ao esporte, às oportunidades sociais ou à cidadania, estaremos negligenciando uma discussão fundamental para a compreensão do processo identitário do povo brasileiro.

Mary Douglas avança em relação a Evans-Pritchard, para quem as idéias estão apenas ligadas a instituições. Para ela, idéias são instituições. Uma idéia fundamental em Douglas é que as pessoas são essencialmente “não-coisas”, que têm querer, inteligência, amam, odeiam e reagem emocionalmente. O parâmetro de Douglas é interpretativo e não normativo, ou seja, para o observador ingênuo, poderia parecer que os indivíduos seguem normas e padrões pré-estabelecidos.

Ela nos lembra que as pessoas têm um interesse prático em viver. Esse interesse prático segue os mesmos processos interpretativos que os cientistas utilizam para realizar as suas análises. Douglas nos fala que as idéias de povos primitivos como os Tallensis e os Ijos sobre as múltiplas personalidades presentes no eu parecem ser mais diferenciados do que a idéia homérica. Em Homero, percebe-se que os heróis são vítimas de outros poderes, são instrumentos passivos, apesar de sua vitalidade e atividade. Já para os Tallensis e Ijos, “as palavras imperiosas do destino são declaradas pelo próprio indivíduo. Uma vez que ele saiba o que fez, pode repudiar sua escolha anterior” (DOUGLAS, 1974, p. 105).

AS PALAVRAS IMPERIOSAS DO DESTINO

Destino aqui tem um caráter dinâmico. Ele é construído pelas palavras imperiosas; as palavras são esse império: elas fazem o mundo. Isto significa que existem pressões, que existe, sobretudo, dominação, que existe interpretação e não apenas adequação. Estar domesticado, para usar os termos de Foucault, não significa que não se saiba que se está domesticado. A dominação está vinculada à libertação, assim como a impureza ao puro, a desordem à ordem.

As instituições são resistentes às mudanças, sofrem pressões, mas se modificam e, no nosso ponto de vista, o importante não é tentar explicar essas modificações; mas compreendê-las. Desviar o foco da tentativa prévia de explicar as crenças e prestar mais atenção às práticas, ligadas que estão às crenças, tentando estabelecer a diferença entre a maneira como os atores sociais constroem a realidade e a maneira como o pesquisador a constrói, de modo a compreender essa maquinaria elaborada cotidianamente pelos indivíduos.

A interpretação dessas práticas engloba, de acordo com Douglas, primeiramente, a interpretação dos ritos e símbolos utilizados na comunicação; em segundo lugar, a observação dos juízos de valor emitidos pelos indivíduos, ou seja, como reagem a situações morais.

RACISMO E RACIALISMO

Entendemos por racismo as idéias que tentam explicar o desempenho esportivo, social, intelectual etc., do indivíduo através das concepções de que há raças e de que elas são a razão das diferenças. Um exemplo, na cultura esportiva brasileira, é o de que os negros não são bons nadadores em função de suas características biotipológicas. Já racismo é uma forma de dominação de uma suposta raça sobre outra, seja esta dominação imposta ou consentida.

INTERPRETANDO RITOS E SÍMBOLOS

A mídia escrita brasileira tem se caracterizado por uma cobertura cada vez maior da área esportiva. O futebol ocupa um lugar privilegiado nas notícias veiculadas no corpo dos jornais, bem como nas primeiras páginas, principalmente, quando as competições envolvem o país inteiro e evocam o imaginário social.

Para destacar as notícias, a mídia utiliza-se abundantemente de metáforas e metonímias como recursos que, a nosso ver, não são apenas linguísticos, mas uma expressão do próprio imaginário social. Por exemplo, “Galera bota culpa em Zico e Sócrates” (JORNAL DOS SPORTS, 23/06/1986, p. 12); “Rio sambou tango” (O DIA, 3/7/1982, p. 1); “Sem fibra, os brasileiros não souberam enfrentar a flama de um adversário corajoso” (CORREIO DA MANHÃ, 18/07/1950, p. 1, 2º caderno); “Ronaldinho amarela antes do jogo e abala a seleção” (O DIA, 13/07/1998, p. 1).

Este fenômeno não se restringe à mídia brasileira. Maguire; Poulton (1999) realizaram uma análise sobre as relações entre esporte, identidade nacional e a mídia escrita durante o campeonato europeu de futebol de 1996. Basicamente, verificaram que as manchetes evocavam o imaginário social e em vez de contribuir para um sentimento de união europeu de fato acirravam as rivalidades com manchetes do tipo: “England versus Scotland: Bravehearts and Lionhearts”; “England versus The Netherlands: Clogs, Tulips and Windmills”; “England versus Spain: Amigos, the armada and Able Seaman”; England versus Germany: ‘Blitzing Fritz’ and ‘Phoney Wars’.

Maguire; Poulton (1999) indicam alguns casos em que acontecia um tipo de comparação envolvendo uma série de estereótipos e piadas, por exemplo – no jogo entre Inglaterra versus Espanha: “You’re Done Juan” (Daily Mirror, 20/6/1996, p. 1), um trocadilho entre o substantivo *Don* e o verbo *to do*.

O USO DAS IMAGENS PELA MÍDIA

No Brasil, o futebol é uma questão nacional, entretanto, quando sofremos um insucesso em competições importantes tendemos a procurar um culpado que possa personificar a derrota. Neste estudo, analisamos alguns jornais após as derrotas do Brasil em Copas do Mundo.

A Copa de 1950 – O Brasil foi derrotado nesta Copa pelo Uruguai. O jogo final é encarado pela mídia e pelo povo como mais uma obrigação do regulamento do que propriamente uma final. O Brasil é pego de surpresa e as manchetes vão focalizar a falta de coragem, fibra, raça dos brasileiros. “Sem fibra, os brasileiros não souberam enfrentar a flama de um adversário corajoso” (CORREIO DA MANHÃ, 18/07/1950, p. 1, 2º caderno); “deixaram-se levar pelo nervosismo e jogaram abaixo da crítica,

inclusive Jair, acovardado com a marcação severa do velho Obdulio Varela” (O DIÁRIO DO POVO, 18/7/1950, p. 6).

Esta Copa cria um estigma em relação ao goleiro. Os goleiros negros passam a ser preteridos em relação aos goleiros brancos. O próprio Mario Filho faz um comentário a respeito de Barbosa que reforça esta idéia: “Até que apareceu Barbosa, realmente um grande quíper, grande tremedor porém. Tremeu tanto num jogo contra os argentinos em 45 que teve de mudar o calção quando acabou o primeiro tempo” (MARIO FILHO, 1994, p. 193).

Essas idéias vão se incorporar ao *habitus* do futebol brasileiro e reforçar o imaginário negativo em relação aos negros. Com o goleiro Dida, esse imaginário volta à tona, para ser desafiado.

Helton hoje protagoniza uma espécie de duelo particular com Dida, goleiro do Corinthians. Os dois são jovens, negros e admirados pelo treinador da Seleção Brasileira, Wanderley Luxemburgo. - Sei que havia uma lenda de que goleiro negro era ruim, mas sempre procurei ignorar isso. Mas realmente penso em fazer com que as pessoas esqueçam este tipo de preconceito. Todos somos irmãos – acredita Helton, que defenderá um título Mundial 50 anos depois de Barbosa, também do Vasco, ter perdido uma Copa com a Seleção Brasileira, também no Maracanã. O ex-goleiro e atual assistente técnico do Corinthians, Valdir de Moraes, também comentou a lenda do goleiro negro ruim: - Nunca tive esse preconceito. Meu maior ídolo no gol foi o Barbosa. Esse estigma que foi criado no Brasil é um absurdo, ainda mais num país de miscigenação tão forte. O que importa é o talento (LANCENET [online], 14/1/2000)

O cronista Luís Fernando Veríssimo corrobora a idéia que esse imaginário se constrói a partir das histórias que nos são repassadas oralmente:

Cresci ouvindo dizer que o melhor goleiro do Brasil era o Veludo. Reserva do Castilho no Fluminense e tão bom que também era reserva do Castilho na seleção. Só não era o titular, diziam, porque era negro. (...) Estereótipos racistas sobre agilidade e elasticidade até favoreciam uma tese inversa, a de que negro é mais confiável do que branco no gol. Mas quando o Barbosa deixou passar aquela bola de Ghigia, em 50, o preconceito, até então disfarçado, endureceu e virou superstição (O GLOBO, 20/7/1999, p. 7).

O preconceito em relação aos negros e mestiços, que até então estava escondido, implícito, eclodiu num evento espetacular, e virou moeda corrente.

A Copa de 1982 – Nesta Copa o Brasil é derrotado pela Itália, com três gols de Paulo Rossi, e é eliminado da final. As manchetes focalizaram as falhas individuais dos jogadores, principalmente, as do goleiro Valdir Peres.

Valdir, um dia de infelicidade. O goleiro começou culpado e, saiu sem culpa, pois na falha de Valdir Peres, nesta Copa, havia tempo, ânimo e futebol para a recuperação (FOLHA DE SÃO PAULO, 6/7/1982, p. 22).

Valdir não aceita acusações e fala em falta de sorte Acusado por alguns jornalistas espanhóis de ter falhado nos gols marcados pela Itália, Valdir Peres riu dos comentários, sentado na porta do “El Corte Ingles”, esperando a hora de voltar a Mas Badó, ao lado uma mala nova, comprada por 1.900 pesetas (FOLHA DE SÃO PAULO, 7/7/1982, p. 27).

Valdir Peres é branco. As críticas utilizam o termo falha que, em relação aos termos tremedor e acovardado, apresenta um status de avaliação bem mais ameno e direcionado ao desempenho do atleta e não ao do homem.

A Copa de 1986 – O Brasil é derrotado pela França na cobrança de pênaltis. Novamente a mídia escrita vai focalizar as falhas individuais, principalmente, as do jogador Zico.

Zico é um exemplo - Zico foi muito criticado pelo pênalti perdido contra a França e mostrava-se triste e desgostoso ontem. Uma pessoa, porém, resolveu, por iniciativa, elogiá-lo como homem e atleta. Foi o médico da seleção brasileira, Neylor Lasmar (JORNAL DOS SPORTS, 23/6/1986, p. 13).

Em tarde de muito calor e jogo quente, Zico estava frio quando chutou o pênalti para a defesa de Bats (JORNAL DO BRASIL, 22/6/1986, p. 3).

O anti-herói zico - Devemos respeitar o seu drama de uma pungência de tragédia grega. Ninguém fez mais, lutou mais para ser tetracampeão e o craque da Copa. Mas o destino foi inexorável na punição inexplicável. Zico despediu-se da Copa como o anti-herói na melancolia de uma classificação para a

semifinal atirada pela janela por um erro que não costuma cometer (JORNAL DO BRASIL, 22/6/1986, p. 3).

As críticas possuem um status que não desclassificam o jogador Zico como homem. Em certos trechos, Zico parece ser comparado aos heróis gregos que, por vezes, eram vítimas de outros poderes superiores.

A Copa de 1990 – Mais uma vez o Brasil é derrotado e esta derrota é personificada pelo jogador Dunga. As críticas vão atacar o seu estilo de jogar.

Já era Dunga. Não deu certo a tentativa de esquematizar o futebol brasileiro, abrindo mão do talento natural e do improviso, em benefício de um padrão mais rígido, de marcação, ao estilo europeu, acabou na desclassificação (...) A Era Dunga não chegou (...) O proveito da derrota passa pela necessidade do reexame desses conceitos de futebol-força (O DIA, 25/6/1990, p. 3).

Dunga é sacrificado por não apresentar o estilo do futebol brasileiro. Entretanto, as críticas prendem-se apenas ao seu desempenho como atleta.

A Copa de 1998 – O Brasil perde para a França na final por 3 a 0. Ronaldo é o jogador que vai personificar essa derrota. A tal ponto ele é criticado que as metáforas vão extrapolar a figura do atleta para atacar a do homem. Observem a paródia da música *Conceição* divulgada pela mídia.

Convulsão. Para ser cantado imitando Cauby Peixoto: Convulsão/ eu não me lembro muito bem./ Eu fui para o campo jogar/ mas acho que não joguei bem./ Foi então que Suzana apareceu/ e olhando para mim a sorrir/ me chamou de babão e que ia sumir./ Se sumiu, ninguém sabe, ninguém viu/ só sei que minha bola murchou/ faz tempo que não meto um gol/ só eu sei como é chato ser amarelão./ E agora eu dou um milhão/ pra não ter outra vez convulsão (O DIA, 23/07/98, colunistas).

As metáforas vão se deslocando do substantivo e do adjetivo para a ação verbal. Assim, a cor amarela ganha um sentido pejorativo ao ser utilizada como metáfora para criticar Ronaldo. “Ronaldinho amarela antes do jogo e abala a seleção” (O DIA, 13/07/98, p. 1).

IMAGENS

Em princípio, os humanos utilizam-se da língua para interagirem, fazerem as coisas acontecer, moverem-se reciprocamente a atuar. Nesse sentido, a língua é um instrumento de construções de novas realidades, no próprio ato de comunicação. Nesse processo, parte substancial da língua caracteriza, qualifica, descreve, "pinta" o mundo real. O que implica o plano sensível, perceptível, "concreto" do real. Para os inúmeros casos em que queremos caracterizar coisas mais abstratas, como sentimentos, qualidades morais ou de qualquer outra natureza, fazemos derivações.

Aqui entram os planos imagéticos, com mecanismos em que transferimos, para a nova entidade, traços que estavam nas entidades de base, ou de ponto de partida. É o caso da cor amarela, fisicamente detectável, com sentidos codificados, na cultura, como nacionalismo, cor da bandeira, no tráfego, etc. Entretanto, o verbo dele derivado, amarelar, está associado estreitamente a uma avaliação de caráter negativo, em que queremos desqualificar alguém com sentido daí derivados, nem sempre de forma transparente. Caberia, portanto, em cada caso identificar o status da palavra avaliativa para ver se se trata de palavra primitiva ou derivada. Supostamente, é nas derivadas que se incluem as avaliações pejorativas, ou laudatórias, com traços que o contexto lhes confere. Assim, de tremer, cujo sentido é próximo a vibrar num ritmo próprio, derivamos tremedor, que será negativo, se utilizado num contexto em que alguém está sendo caracterizado como não correspondendo às expectativas.

Outro exemplo, em que se trata de derivação entre substantivo e adjetivo, sem a interferência do verbo, é o caso de frio, de que derivamos frieza. Enquanto frio é, inicialmente, denotativo, em frieza percebemos o traço avaliativo personalizado, quando o atribuímos a pessoas. Assim, podemos dizer que o goleiro Dida é frio, no sentido de concentrado. Já falar de sua frieza é avaliá-lo mais enfaticamente. E assim por diante. Por exemplo, de calcular derivamos cálculo, neutro, mas calculista é pejorativo.

Dado que as línguas fazem melhor que os falantes mais utilizam, e que utilizam em caráter avaliativo, alguns termos ou afixos, ocorre que os mesmos ficam carregados dessa avaliação. É o caso de -alha, associado à gentalha, politicalha; -agem, associado à politicagem, molecagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas, de fato, não se configuram como conclusões, mas como considerações que poderiam ser tomadas como um vocabulário final-provisório deste artigo.

Trabalhamos com o pressuposto de que as imagens metafóricas são expressões do próprio processo de pensamento e não apenas figuras de estilo ou de retórica. Numa cultura conceitos mais abstratos são metaforicamente estruturados a partir de conceitos mais concretos. Esses conceitos são histórica e culturalmente constituídos, produzindo sentidos e se tornam fatores estruturantes da experiência.

Desta forma, a utilização das metáforas nas representações da mídia escrita sobre os jogadores brasileiros tem um caráter que permite tanto a reprodução como a construção de uma realidade, de um estigma, de uma discriminação etc.

Os dados analisados permitem-nos aduzir que o sentido construído socialmente para determinadas metáforas, como por exemplo - amarelão, sem fibra, sem raça, tremedor, acovardado, entre outras, tem como foco a desclassificação do indivíduo mais como ser humano do que como atleta. Permitem-nos também considerar que esse sentido desclassificatório, geralmente, dirige-se com mais ênfase a determinados grupos de jogadores.

Esses grupos, em geral, são jogadores negros ou mestiços. Desta forma, segundo a hipótese aqui sustentada, existe no Brasil um tipo de discriminação, que é reforçada através de metáforas que desclassificam as pessoas de pele escura.

ABSTRACT

METAPHORS OF DISCRIMINATION IN BRAZILIAN SOCCER

This article examines some metaphors published by the press after the defeat of the Brazilian team in the FIFA World Cup. The goal is to identify and understand the meaning and built to these metaphors as the imaginary manifested through them. This was done using qualitative analysis of the discourse of some sports headlines in the media. The provisional conclusion is that there is in Brazil a kind of racism, constituted through metaphors that disqualify - as individuals - the dark-skinned player.

KEY WORDS: Imaginary. Metaphors. Sport.

REFERÊNCIAS

- COHEN, I. J. Teoria da estruturação e práxis social. In: GUIDDENS, A. & TURNER, J. *Teoria social hoje*. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 1999.
- DIJIK, Teun A. van. Elites, Racism and the Press. Paper apresentado no Congresso *Internacional Association of Mass-Communication (IAMCR)*, Brasil, 1992.
- DIMEO, P. Scottish Racism, Scottish identities. In: M. A. Brown (ed.). *Fanatics! Power, Identity and Phandom in football*. Rontledge, London, 1998
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.
- MAGUIRE, J. European Identity Politics in EURO 96. In: *International Review for the Sociology of Sport*. SAGE Publications, volume 34, nº I, March, 1999.
- MARX, K. *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte*. New York: International Publishers, 1963.
- MOSCOVICI, S. Reflexions à propos de representations sportives. In: *Quel Corps - Critique de la Modernité Sportive*. Paris, Editions de la Passion, 1995.
- RORTY, R. *Contingência, ironia e solidariedade*. Lisboa: Presença, 1996.
- SODRÉ, M. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SILVA, C. A. F. A linguagem racista no futebol brasileiro. In: *Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, IHGB, INDESP, 1998.
- SILVA, C. A. F. Futebol, linguagem e mídia: o imaginário na construção histórica das representações. In: *Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- TEVES, N. *O imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Griphos, 1992.
- VOTRE, S. J. O corpo na mente - A base corporal do discurso da educação física. In: RESENDE, H. G.; VOTRE, S. J. (Orgs.). *Ensaio em educação física, esporte e lazer: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro: SBDEF, UGF, 1994.
- VOTRE, S. J. Homogeneidade e heterogeneidade no discurso da educação física, do esporte e do lazer. In: VOTRE, S. J.; COSTA, V. L. M. (Orgs.). *Cultura, atividade corporal e esporte*. Rio de Janeiro, Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1995.